

**ENTREVISTA AO CADERNO “PENSAR”, DO JORNAL *ESTADO DE MINAS*
A PROPÓSITO DE *RETRATO DESNATURAL***

Por

Evando Nascimento

Realizada por João Paulo da Cunha, em 14.X.08

JOÃO PAULO CUNHA – Depois de vários trabalhos acadêmicos, você se lança na ficção. Como é trabalhar nesse duplo registro?

EVANDO NASCIMENTO – Essa “duplicidade” de que você fala não é nova, o que é realmente nova é a publicação. Na verdade, escrevo literatura, ficção e poesia desde a adolescência, mas publiquei muito pouco, somente alguns poemas e contos esparsos em periódicos. Quando entrei para o curso de Letras, na UFBA, o fluxo criativo, que era intenso, estancou, mas foi retomado já durante o Mestrado, que realizei na PUC-Rio. Os textos literários vinham nos intervalos entre os textos acadêmicos. Tenho, portanto, um vasto material inédito, que um dia me darei ao trabalho de selecionar para publicação, como textos de minha formação literária. Em parte, a razão do ineditismo se deve a minha alta exigência quanto à qualidade, mas, também em grande parte, foi falta de tempo mesmo de me organizar. Todo escritor sabe que não basta produzir o texto, é preciso reescrevê-lo infinitamente, até considerá-lo “no ponto”, quer dizer, apto à leitura por terceiros – os caríssimos leitores. Atualmente há uma grande harmonia entre o professor universitário-ensaísta e o escritor, pois continuo a produzir artigos ou conferências e desenvolvendo novos projetos literários. Neste momento, trabalho num livro de contos, embora esse gênero sofra a concorrência de diversos outros, quando escrevo: poesia, diálogos, correspondência, diário, testemunho, etc.

JPC – Como chegou à forma de seu livro, entre diários, poemas e pequenas ficções?

EN – Como quase tudo o que faço, mesmo na Universidade, não houve um projeto inicial. Os textos foram se escrevendo, num momento bastante difícil de minha vida, e eu simplesmente deixei que emergissem, inicialmente sob a

forma de poema. Ao mesmo tempo, desde 1998 decidi que tudo o que eu escrevesse, ensaio ou ficção, seria datado, entrando por assim dizer num grande *diário*, que seriam meus escritos a partir de então. Até hoje é assim, muitas vezes, mesmo um pequeno fragmento, uma anotação avulsa que faço no final de um livro ou numa caderneta que mantenho, faz parte desse diário pessoal, que são todos os meus escritos, por assim dizer datados e assinados. Com o *Retrato desnatural* aconteceu de aqueles textos escritos entre 2004 e 2007, como o subtítulo indica, terem alguma unidade, que só reconheci algum tempo depois de tê-los inventado. Apesar da multiplicidade de gêneros a que você se refere, percebi que havia certa unidade, que o poeta e filósofo Antonio Cicero, na bela orelha que fez, diz estar relacionada a um pensamento. O fato é que, depois de ter escrito diversos textos, separei-os pela forma, e em alguma medida também pelo conteúdo, em seções. Quero crer, todavia, que o livro como um todo funcione como um fluxo; a esse fluxo contínuo e, paradoxalmente, em pedaços, chamei, na capa, tanto de “diários” como de “ficção”...

JPC – Ficção ou não ficção? Ou as duas dimensões? Como interpreta a relação de seus textos com a realidade e com sua visão de mundo?

EN – Embora considere que, até certo ponto, essas duas esferas, ficção e não ficção, devam ser consideradas em separado, sou fortemente seduzido pela passagem de uma a outra. Costumo dizer que a transgressão só tem graça se houver fronteira e campos bem delimitados, de outro modo cai-se numa geleia geral bastante anódina. Claro que há fronteira e fronteira, algumas são politicamente inadmissíveis, provocando até a morte dos possíveis transgressores – basta pensar no caso da fronteira atual entre México e Estados Unidos, ou as fronteiras impostas pelo Estado de Israel aos palestinos. No caso da literatura que elaboro, até onde posso ver, parto muitas vezes de fatos reais, alguns autobiográficos, ou então de alguns fatos correntes na mídia, *faits divers* da atualidade, e vou misturando com referências literárias, muita dose de imaginação e outros ingredientes. Já outros textos emergem da simples imaginação, sem que se reconheçam experiência pretéritas ou recentes por detrás. Não creio numa visão de mundo unitária, mas sim

prismática, aquilo que chamo num dos textos de *mundivisão*, ou seja, visões múltiplas, até mesmo divergentes entre si, acerca do mundo em geral, de nosso país e, claro, de minha vida pessoal. Esses três níveis estão fortemente imbricados na ficção do *Retrato*, que não deixa de ser um autorretrato, desnaturado, pois esse é um dos temas fortes do livro.

JPC – *Retrato desnatural* dialoga com várias referências da literatura brasileira, como Cecília Meireles e Guimarães Rosa, entre outros. Como você se relaciona com a literatura brasileira em seu trabalho?

EN – Amo a literatura a brasileira, acho-a riquíssima, desde suas origens no período colonial até hoje. Minha leitura sempre foi dispersa, inicialmente organizada pela escola, mas progressivamente orientada por minhas intuições e pelo acaso. Li muito Jorge Amado e Érico Veríssimo no começo da adolescência, cheguei mesmo a escrever um pastiche, juntando esses dois autores quando tinha cerca de 14 anos, na Olivetti Lettera de meu pai, um romance de cento e poucas páginas chamado *Aberração*. Li fábulas quando criança, muito Monteiro Lobato, que amo até hoje, e em seguida diversos clássicos como Machado e Alencar por causa da escola. Mas lembro que as antologias poéticas de Vinícius de Moraes e de Drummond marcaram meus quinze anos; entendi pouco, mas aquilo ficou como experiência muito intensa, vital, sem a qual não viveria doravante. Guimarães Rosa e Clarice Lispector chegaram a minha vida por volta dos 18 anos, e nunca mais os abandonei, sempre estou regressando a essa *sopa original*, *Ursuppe*, como diz Barthes, de que me nutro. Já o título do livro é uma singela homenagem ao *Retrato natural* de Cecília Meireles; digamos que “desnaturei” um pouco seu título, pois ela é uma poeta que venero, mas faz um tipo de poesia que eu mesmo, por inúmeras razões, jamais produziria.

JPC – A ideia de desconstrução é uma das mais utilizadas por pensadores de várias correntes e disciplinas. Como vê o conceito de Derrida sendo aplicado hoje pelo pensamento social e filosófico?

EN – Desconstrução não é propriamente um conceito no sentido estrito, pois Derrida jamais o definiu de maneira pontual, unívoca e definitiva. Seria antes uma palavra que surgiu logo em seus primeiros escritos, na década de 1960, e que muito cedo chamou a atenção dos leitores. Esse termo, ao contrário de outros, jamais desapareceu dos quase oitenta volumes que o pensador franco-argelino publicou, mas ele sempre fez questão de dizer que não existe nenhum movimento chamado “desconstrucionismo”, como querem alguns, sobretudo nos Estados Unidos. Tenho visto o vocábulo e o verbo equivalente “desconstruir” na mídia, nem sempre com um uso adequado, mas significando simplesmente “criticar”. O ato de desconstrução é bem mais que uma simples crítica; entre tantas coisas, significa elaborar um tipo de pensamento que não se reduza ao que Derrida, no rastro de Heidegger mas com diferenças marcantes, chamou de “metafísica ocidental”. Trata-se, grosso modo, de pôr em evidência a relação do dito Ocidente com seus “outros”: as culturas não ocidentais (etnocentrismo), a figura “rebaixada” do feminino (falocentrismo) e todo tipo de autoritarismo, social ou filosófico. Os usos potenciais dessas noções políticas-filosóficas são imensos e há toda uma tarefa no campo das ciências humanas, mas não só aí, a ser realizado.

JPC – Como especialista na obra de Derrida, como vê o atual interesse da universidade brasileira no trabalho do filósofo?

EN – O interesse é grande, sobretudo nos cursos de Letras, como prova o recém realizado evento na FALE da UFMG. Mas há também filósofos, na PUC-Rio e na PUC do Rio Grande do Sul, por exemplo, que desenvolvem pesquisas a partir do pensamento derridiano. Entretanto, toda essa geração de pensadores franceses da década de 1960 sofre grande discriminação no meio filosófico, que tende a ser conservador e a se interessar por autores mais canonizados. Mas, quando o preconceito vem abaixo, o proveito é imenso, e a filosofia, como todos os outros saberes, pode ter seus limites ampliados ao dialogar com o pensamento desconstrutor.